





Novos Cadernos NAEA

v. 26, n. 3 • set-dez. 2023 • ISSN 1516-6481/2179-7536





**CONHECIMENTOS E USOS TRADICIONAIS
ASSOCIADOS AOS RECURSOS FAUNÍSTICOS
NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO
JACAREQUARA (NORDESTE PARAENSE,
AMAZÔNIA ORIENTAL)**

**TRADITIONAL KNOWLEDGE AND USES ASSOCIATED
WITH FAUNAL RESOURCES IN THE QUILOMBOLA
COMMUNITY OF JACAREQUARA
(PARAENSE NORTHEAST, EASTERN AMAZONIA)**

Manoel Fagno Aviz  

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil

Dídac Santos-Fita*  

Universitat Autònoma de Barcelona (UAB), Bellaterra, Barcelona, Espanha

* autor de correspondência

RESUMO

A pesquisa objetivou caracterizar e registrar os conhecimentos dos moradores da comunidade quilombola do Jacarequara, município de Santa Luzia do Pará, Pará, referentes às práticas de uso das principais espécies de fauna silvestre. A partir de um enfoque etnozoológico e etnoecológico, buscou-se obter os dados por métodos qualitativos e quantitativos, perpassando a observação participante e utilização de entrevistas semiestruturadas, além da utilização de listas livres (*free listing*). Os dados revelaram a existência de cinco categorias de uso que envolvem uma diversidade de espécies animais, informações que compõem um riquíssimo conhecimento etnozoológico essencial para a apropriação e utilização efetiva dos recursos. Tais recursos faunísticos se mostram essenciais para o modo de vida tradicional da comunidade, sendo um dos componentes principais da dieta alimentar e das práticas zooterapêuticas ali existentes. Percebe-se que as características ambientais estão diretamente relacionadas às escolhas de utilização dos recursos faunísticos, assim possíveis alterações socioambientais influenciadas por atores externos podem ter grande influência nas práticas e saberes tradicionais da comunidade, os quais podem exercer importante papel em medidas de gestão e conservação que considerem a proteção dos recursos e a valorização do conhecimento ecológico tradicional.

Palavras-chave: etnozologia; manejo da fauna silvestre; caça; pesca; zooterapia.

ABSTRACT

The study aimed to characterize and record the knowledge of the residents of the Quilombola Community of Jacarequara, in Santa Luzia do Pará, state of Pará, regarding the practices of use of the main animal species. From an ethnozooological and ethnoecological approach, we sought to obtain data through qualitative and quantitative methods, passing through participant observation and the use of semi-structured interviews, in addition to the use of free lists. The data revealed the existence of five categories of use that involve a diversity of animal species, information that make up a very rich ethnozooological knowledge essential for the appropriation and effective use of resources. Such faunal resources are essential for the traditional lifestyle of the community, being one of the main components of the food diet and of the zootherapeutic practices existing there. It is noticed that environmental characteristics are directly related to the choices of use of faunistic resources, so possible socio-environmental changes influenced by external actors can have great influence on the traditional practices and knowledge of the community, which can play an important role in management and conservation measures that they consider the protection of resources and the valuation of traditional ecological knowledge.

Keywords: ethnozooology; wildlife management; hunting; fishing; zotherapy.

1 INTRODUÇÃO

Em muitas partes do mundo, as sociedades tornaram a agricultura e a pecuária sua principal fonte de subsistência, porém a fauna silvestre continua sendo um importante recurso básico, sobretudo entre comunidades rurais de zonas tropicais (Santos-Fita; Costa-Neto, 2007; Alves, 2012). Constituindo-se assim em importante recurso para estes grupos sociais, especialmente as localizadas em áreas longínquas de grandes centros urbanos. Nestas populações humanas, as formas de uso e manejo destinadas à fauna são múltiplas e correspondem aos contextos socioculturais existentes nos sistemas socioecológicos que estão inseridas (Costa-Neto, 2000; Santos-Fita; Costa-Neto, 2007; Alves, 2012).

Em comunidades rurais e tradicionais, especialmente na Amazônia, as atividades cinegéticas e pesqueiras são as principais formas de extração de recursos faunísticos (Santos-Fita *et al.*, 2009; Alves, 2012; Braga; Rebêlo, 2015). Estas práticas (caça e pesca) são constituídas por um universo material e simbólico, em que o conhecimento ecológico tradicional (CET), o cotidiano e os sistemas de crenças se encontram e se integram às práticas e saberes existentes em cada comunidade (Diegues *et al.*, 2000; Figueiredo; Barros, 2016a). Tais pressupostos socioculturais determinam regras e comportamentos que se diferenciam conforme o grupo social e o ambiente nos quais estão inseridas, o que também influencia na diversidade de espécies animais capturadas (Alves; Souto, 2010; Fernandes-Ferreira, 2014; Fernandes-Ferreira; Alves, 2017).

Na interação humano-animal há uma diversidade de saberes e práticas associadas a diversas formas de representação e apropriação dos recursos faunísticos, que despertam interesse de diferentes abordagens de pesquisa, em especial as etnociências. Deste modo, este estudo foi conduzido sob a ótica da etnozootologia e etnoecologia. Enquanto a primeira abordagem centra-se na compreensão das relações socioculturais estabelecidas entre humanos e os demais animais, a segunda permite complementar essa análise com uma concepção holística das percepções e representações das inter-relações ecossistêmicas e socioculturais que constituem o CET. Isso contribui para a compreensão da complexidade existente no conhecimento etnozoológico, como classificações, simbolismos e outras conceituações que populações humanas constroem sobre a biologia e o mundo natural (Posey, 1986; Santos-Fita; Costa-Neto, 2007; Toledo; Barrera-Bassols, 2009; Hunn, 2011; Corrêa; Braga; Laurido, 2019).

Tendo em vista que a compreensão das práticas de uso e manejo é parte essencial para a manutenção de determinado recurso, faz-se necessário entender os conhecimentos e percepções de comunidades rurais quanto aos usos e aos elementos naturais em consonância com o conhecimento científico acadêmico (Berkes; Coding; Folke, 2000). Nesse sentido, os estudos que enfatizam as descrições e caracterizações de saberes e usos tradicionais associados à fauna, em especial a silvestre, são fundamentais como arcabouço científico para entender e planejar a gestão dos recursos faunísticos e comunidades rurais (Gross, 1975; Begossi; Braga, 1992; Azevedo; Barros, 2014; Arruda *et al.*, 2018; Corrêa; Braga; Laurido, 2019). Nessa perspectiva, é importante o esforço em pesquisas que considerem as diferentes relações que as comunidades rurais estabelecem com os ecossistemas circunvizinhos, sobretudo nas dinâmicas etnoecológicas existentes nas práticas e saberes associados à fauna silvestre.

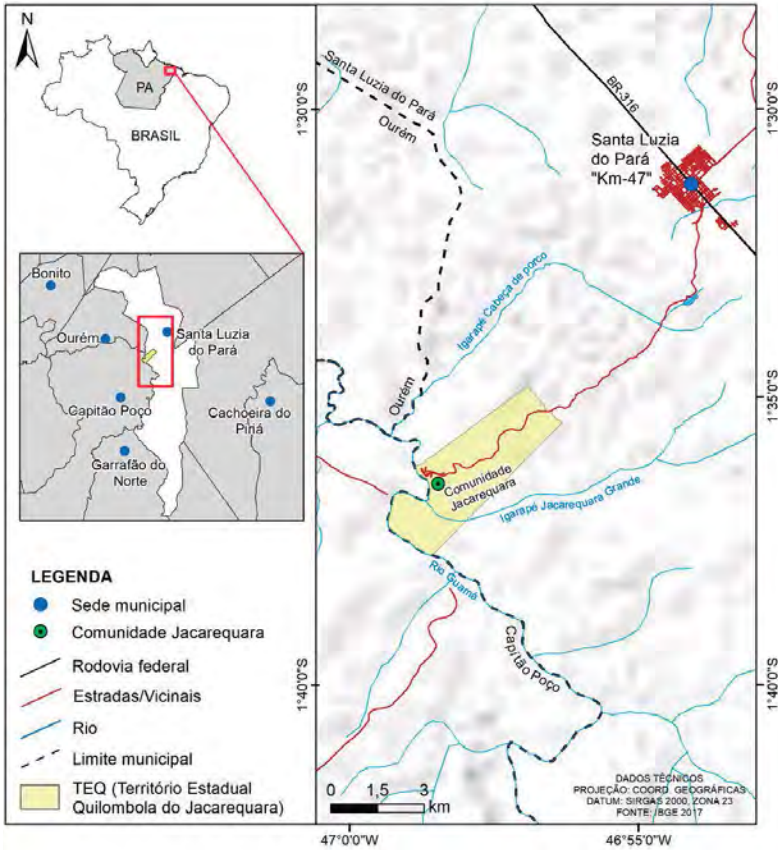
Aqui enfatizamos as comunidades quilombolas que, em conjunto com as demais populações humanas da Amazônia, apresentam conhecimentos ancestrais que têm na natureza o meio necessário para a continuação no sistema socioecológico (Marin; Castro, 1998; O'Dwyer, 2002; Arruda *et al.*, 2018). Os moradores destas comunidades possuem na natureza de seus territórios o lugar de sua reprodução social, o qual possui significância intrínseca na organização dessas comunidades, participando de processos essenciais para os grupos familiares, especialmente nas formas e usos direcionados aos recursos naturais associados (Calouro; Marinho-Filho, 2005; Figueiredo; Barros, 2016b). Considerando o exposto, este estudo objetivou caracterizar e descrever os conhecimentos etnozoológicos e as práticas de uso associadas aos recursos faunísticos existentes na comunidade quilombola do Jacarequara, município de Santa Luzia do Pará, Nordeste paraense.

2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1 ÁREA DO ESTUDO

A Comunidade Quilombola do Jacarequara está localizada na margem direita à jusante do rio Guamá, município de Santa Luzia do Pará (1°36'21.5"S e 46°58'39.5"O) (Figura 1).

Figura 1 – Localização da comunidade quilombola do Jacarequara, no município de Santa Luzia do Pará (Nordeste paraense, Amazônia oriental)



O município pertencente a Região Imediata de Bragança está localizado cerca de 210 km de Belém, capital estadual (IBGE, 2017). O Quilombo do Jacarequara dista a 15,5 km da sede municipal e compreende um território de 1.237 hectares (12,37 km²), onde vivem aproximadamente 79 famílias e 273 habitantes. A paisagem da região apresenta um mosaico composto por manchas de florestas primárias, florestas secundárias em diferentes estágios sucessionais, áreas de uso agrícolas, pastagens e, além disso, os igarapés e lagos que compõem os corpos d'água secundários.

Castro (2006) e Almeida (2013) explicam que na região de Ourém e Bragança, Nordeste paraense, a existência de quilombos e fugas de escravizados é documentada em relatos que remontam ao período de 1853 e 1862, nos quais Jacarequara é destacado. Ainda assim, Almeida (2013) assume que a formação do Quilombo do Jacarequara “pode ter sido formado por

escravos que fugiam das fazendas e também com os que já se encontravam livres (pela fuga), mas que teriam tido que fugir novamente para escapar do ‘tal de pega-pega’” (Almeida, 2013, p. 9), termo empregado na história oral da comunidade com relação aos movimentos da Cabanagem. Os pequenos povoados formados não eram (e não são) isolados, todavia mantinham intenso contato com outras comunidades e com os povos indígenas locais, a exemplo do povo Tembê-Tenetehara, o que proporcionou ao longo da história um intercâmbio de saberes e práticas que constituem a identidade e a territorialidade dos “jacarequarenses” (Almeida, 2013; Farias, 2018).

2.2 COLETA, TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Considerando a natureza das etnociências (etnozologia, etnoecologia, ...), esta pesquisa apoiou-se em métodos tanto qualitativos quanto quantitativos, que possibilitassem conhecer, caracterizar e analisar, desde uma perspectiva interdisciplinar, as percepções e apropriações culturais presentes e associadas às práticas de uso e manejo da fauna conectadas aos conhecimentos ecológicos tradicionais. Não obstante, mesmo que “quali-quantitativo”, priorizou-se a abordagem qualitativa por um maior interesse na subjetividade, ou seja, em descrever e aprofundar em um nível de realidade – correspondente ao universo particular de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes – que não pode ser quantificado (medido e estandardizado para análises estatísticas, na forma de variáveis) (Minayo; Sanches, 1993; Minayo; Deslandes; Gomes, 2002; Hernández-Sampieri; Fernández; Baptista, 2014).

De fevereiro a novembro de 2020, foram 54 dias de convivência na comunidade do Jacarequara. Os distintos períodos – de 8 a 18 de fevereiro, de 8 a 28 de agosto, e de 24 de outubro a 14 de novembro – foram pensados para coincidirem com diferentes estações climáticas, assim favorecendo entender fatores de sazonalidade sobre a percepção dos recursos. A diretoria da Associação Quilombola Vida Para Sempre Jacarequara (AVPS), como o máximo representante da Comunidade, autorizou o trabalho de pesquisa via Termo de Anuência Prévia. Não houve coleta de nenhum material biológico.

Por meio da técnica da observação participante foi possível obter os dados a partir de uma imersão profunda no grupo estudado, estabelecendo relações de confiança com os moradores e, assim, possibilitar a captura de situações ou fenômenos que não são adquiridos apenas com perguntas (Minayo; Deslandes; Gomes, 2002). Esta técnica, consagrada no método

etnográfico, consiste na obtenção de dados em campo desde “dentro”, conhecendo e vivenciando a realidade cotidiana da comunidade, ao contrário da observação “externalista” não interativa (Malinowski, 1978; Becker, 1994). Sendo imperativo a necessidade de direcionar a atenção ao mundo social pesquisado, de forma a tomar consciência de que as percepções, representações e informações ali presentes estarão relacionadas a um ponto de vista empírico (Beaud; Weber, 2007; Albuquerque *et al.*, 2019).

De forma conjunta e com auxílio de roteiro de entrevista, gravador de voz e diário de campo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas que permitem uma modificação da abordagem conforme as respostas do participante, com a inserção de novos itens (Michelat, 1982). O roteiro foi estabelecido como forma de proporcionar segurança em campo, garantir eficiência na coleta de dados e legitimação da concepção e valorização das entrevistas (Beaud; Weber, 2007). As entrevistas tiveram como objetivo primário conseguir informações sobre o conhecimento e utilização das espécies faunísticas; utilizou-se previamente a técnica da lista livre (*free listing*) para identificar quais as espécies com maiores domínios culturais na comunidade (Albuquerque; Lucena; Alencar, 2010).

Foram 36 participantes identificados por amostragem por referência em cadeia, ou técnica da “bola-de-neve” (*snowball*) (Albuquerque; Lucena, 2004), que se encaixaram dentro do perfil desejado: indivíduos adultos com idade igual ou superior a 20 anos e no mínimo 10 anos de vivência e convivência na comunidade. Porém, as observações e registros não se limitaram somente a estes participantes, também foram obtidos registros de entrevistas, diálogos informais e práticas do cotidiano com os outros indivíduos jovens, adultos e idosos, a fim de compreender o contexto habitual comunitário. Antes de cada entrevista, foram realizadas conversas prévias como forma de informar sobre o intuito da pesquisa e receber autorização para fazer registros de áudios e/ou fotográficos.

A análise dos dados partiu do “modelo de união das diversas competências individuais” (Hays, 1976 *apud* Marques, 2001), pois pondera que toda informação pertinente ao assunto pesquisado deve ser considerada. A verificação de consistência e de validade das respostas, isto é, a robustez dos dados obtidos (qualitativos), foi feita mediante entrevistas realizadas em situações sincrônicas e diacrônicas, aproveitando que foram três períodos em campo.

Os dados foram divididos em unidades de registros, codificados e classificados segundo as informações das unidades: ECOTROF = ecologia

trófica; MORF = características morfológicas; ETO = padrões etológicos; MED = uso medicinal; MIST = uso místico-religioso; USART = uso artesanal etc. Os dados qualitativos foram classificados em categorias de acordo com seu conteúdo, nesta abordagem as categorias são definidas de forma que sejam exclusivas, consistentes em relação aos elementos, ideias e expressões que as constituem (Minayo; Deslandes; Gomes, 2002). A estatística descritiva foi utilizada para cálculos de média, frequência relativa etc. As informações de identificação e classificação taxonômicas foram checadas na literatura especializada para a fauna regional (Revista Biodiversidade Brasileira, 2012, 2013; Paglia *et al.*, 2012; Valente; Kahwage, 2017).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificadas cinco (5) categorias de uso dos recursos faunísticos: alimentar, medicinal, ritualístico, artesanal e estimação/criação doméstica. Na comunidade do Jacarequara, a alimentação é a principal finalidade objetivada na apropriação da maioria dos recursos faunísticos. Foram citadas 107 espécies para uso alimentar, quantitativo composto por dois grupos principais: peixes (57,4%) e mamíferos (33,7%), este padrão prevalece na dieta alimentar de diferentes comunidades da região amazônica, apresentando alternância influenciada pela dinâmica dos ciclos hidrológicos da região (Isaac; Barthem, 1995; Braga; Rebêlo, 2017).

A pesca desempenha um papel central como fonte de alimentos de origem animal na comunidade do Jacarequara. O consumo de peixe é essencial na dieta alimentar dos moradores, enquanto os animais provenientes de práticas de cinegéticas desempenham um papel secundário, servindo como fonte de alimento, especialmente em certas épocas de redução do pescado, como durante as cheias dos rios. Murrieta e Dufour (2004) e Murrieta *et al.* (2008) destacam a importância central do peixe na dieta da amazônica, observando que o cardápio típico de comunidades ribeirinhas é composto por um binômio clássico: peixe e mandioca. Neste contexto, a carne de caça está inserida como uma iguaria na culinária local, que quebraria a monotonia alimentar baseada em peixe e farinha de mandioca (Murrieta, 2001; Silva, 2007; Braga; Rebêlo, 2015).

Apesar de não haver usos relacionados, o boto (*Inia geoffrensis* de Blainville, 1817) e a lontra (*Lontra longicaudis* Olfers, 1818) são relatados por

terem o comportamento de atacar as malhadeiras: “Às vezes, a gente bota, tem a lontra, ela vem rasga tudinho, ela rasga a malhadeira, aí tudo já é um atrapalho” (Seu Gordo, 40 anos); “Aí tem uns boto também que anda por aí também, aí se tiver peixe na malhadeira, ele vem e rasga” (Seu Gordo, 40 anos). Mesmo causando prejuízos, esses animais não são abatidos, mas considerados competidores por alguns pescadores.

Santos (2017) também registrou a interação de pescadores de Ourém/PA com botos (*I. geoffrensis* e *Sotalia* spp.), que é percebida pelos moradores locais como uma interação negativa devido aos prejuízos. A mesma percepção é observada por Braga e Rêbello (2017) e Corrêa, Braga e Laurido (2019) entre pescadores do rio Juruá/AM e em Alenquer/PA, respectivamente. Fato interessante observado, um morador relatou que em determinados locais do rio, o boto costuma “brincar” com os pescadores e até ajudá-los com peixes. Já em outra conversa, segundo a moradora Dona Ivete (70 anos) o boto ajuda as pessoas quando a “canoa alaga”, isto é, quando há naufrágio de canoas, empurrando as pessoas para dentro da canoa. Em Ourém/PA, foi observado que a relação com o boto é designada por não conflituosa e sim amistosa (Santos, 2017).

Em relação ao uso artesanal, foram citadas quatro etnoespécies: maracajá/gato-maracajá (*Leopardus wiedii* Schinz, 1821), onça (*Panthera onca* Linnaeus, 1758), veado (*Mazama* spp.) e catitu (*Pecari tajacu* Linnaeus, 1758). Os veados e os gatos-do-mato (*Leopardus* spp.) são os grupos mais visados, quando há captura desses animais, o couro é destinado à produção de tambores. Porém, esta atividade artesanal é relatada por estar em quase desuso: “Os mais idosos faziam negócio de tambor de couro de veado, essas coisas, mas agora não fazem mais” (Seu Marcos, 35 anos).

Quanto ao uso na criação doméstica, além das espécies não-nativas típicas como galinha (*Gallus gallus domesticus* Linnaeus, 1758), peru (*Meleagris* spp.) e porco (*Sus scrofa domesticus* Erxleben, 1777), há também a criação doméstica de jabutis (*Chelonoidis* spp.) que podem ser utilizados para consumo. Figueiredo e Barros (2016b) explicam que esta prática é comum na comunidade quilombola de Joana Peres (município de Baião/PA). A atividade de piscicultura é praticada nos pequenos açudes, destacando-se espécies como tucunaré (*Cichla* spp.), cará (*Cichlasoma* spp.), surubim (*Pseudoplatystoma* spp.) e traíra (*Hoplias* spp.), que são capturadas no rio e transportadas para os açudes.

Muitas pessoas, ao incorporar espécies animais em seu convívio social, também estabelecem vínculos emocionais, inclusive considerando-os como parte da família (Santos-Fita; Costa-Neto, 2007). Nesse sentido, o uso de espécies silvestres como animais de estimação foi registrado para nove etnoespécies (Figura 2). As aves são o principal grupo associado a este uso, psitacídeos como a arara (*Ara* spp.) e o papagaio (*Amazona* spp.) foram observadas em domicílios, onde são criadas “soltas” como forma de ludicidade. Os sabiás (*Turdus* spp.) e curiós (*Sporophila angolensis* Linnaeus, 1766) têm ampla aceitação na comunidade e são apreciados por seus cantos melodiosos. Também registramos a utilização de mamíferos como animais de estimação, especialmente primatas, o soim (*Saguinus niger* Geoffroy Saint-Hilaire, 1803) e o macaco-prego (*Sapajus apella* Linnaeus, 1758), foi observado duas formas de interação: com o animal “preso” a uma linha/corrente e a voluntária, na qual o animal se aproxima da residência. Também foi observado a presença de moró (quati; *Nasua nasua* Linnaeus, 1766); esse tipo de interação também foi registrado entre os indígenas Tembétenehara da Terra Indígena Alto Rio Guamá (Santos; Tembê; Tembê, 2017).

O uso ritualístico relatado está associado principalmente à prática de caça, que constitui parte importante do universo desta atividade na comunidade do Jacarequara, e às simpatias. Uma “simpatia” observada foi em relação ao enterro de cachorros ou animais domésticos que porventura venham a falecer. Segundo os moradores, o animal morto deve ser enterrado junto à alguma árvore, preferencialmente, frutífera para estimular a produção de frutos. Já o casco (carapaça) do jabuti (*Chelonoidis* spp.) é utilizado para plantar pupunha (*Bactris gasipaes* Kunth, 1816) para que comece a frutificar ainda jovem.

Diferentes ingredientes vegetais e animais são empregados no ritual de defumação no Jacarequara, assim como no Quilombo de Joana Peres (Baião/PA), onde Figueiredo e Barros (2016a) explicam que a defumação é um tratamento para curar o caçador que não tem efetividade nas caçadas, nesta comunidade não é relatado o uso de animais na preparação da defumação. Contudo, Jacinto e Barros (2019) relatam o uso de recursos faunísticos na defumação empregada para fins terapêuticos e místicos aplicados à efetividade na caça em comunidades ribeirinhas no município de Breves/PA, o mesmo autor identificou o uso de pelos de paca (*Cuniculus paca* Linnaeus, 1766), tatu (*Dasyopus* sp.) e veado (*Mazama* sp.) na defumação de apetrechos de caça.

Figura 2 – Animais utilizados como pets. A) Curió. B) Gaiola com Curió. C) Soim em residência. D) Macaco-prego em quintal. E) Papagaios em uma residência



Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Barros (2017) explica que a defumação com penas e pelos é um meio de conferir sorte e sucesso ao caçador durante as empreitadas, afastando a má-sorte. No Jacarequara, a defumação tem o mesmo objetivo de melhorar a efetividade da caçada, com a utilização de espécies consideradas como caças “velhacas”, isto é, animais difíceis de capturar, como os pelos e cascos de paca, tatu, veado-branco (*Mazama gouazoubira* G.Fischer, 1814) e cutia (*Dasyprocta prymnolopha* Wagler, 1831), as penas de nambu-preto (*Crypturellus cinereus* J. F. Gmelin, 1789) e peua (*Crypturellus strigulosus* Temminck, 1815).

Outra finalidade da defumação é o tratamento de pessoas que são “flechadas” ou ficam “norteadas” pela Mãe do mato/Curupira, o que pode causar dores de cabeça e febre no indivíduo, de acordo com os moradores. Figueiredo e Barros (2016a) explicam que a defumação com “ervas da mata” é utilizada para curar estas moléstias causadas por encantados na comunidade de Joana Peres (Baião/PA). No Jacarequara, além de folhas de plantas medicinais, como a casca de cedro, o tratamento é feito também com uso de alho, visto que a Mãe do mato teria repulsa ao alho.

Os depoimentos e observações revelaram um total de 36 etnoespécies (30 taxa) para fins medicinais, distribuídas em 16 espécies de mamíferos,

sete de répteis, três de peixes, duas de aves, uma aracnídeo e uma inseto, que fornecem recursos zoterapêuticos (ver Apêndice). Alves e Rosa (2007), em revisão de literatura, mostram que a predominância de mamíferos, répteis e peixes é um padrão comum na medicina popular brasileira. A maioria das espécies (70%) citadas também é utilizada na alimentação, o que indica uma maximização tanto da energia e tempo despendido para captura como também do uso do recurso (Costa-Neto, 2000). A maioria das espécies de uso zoterapêutico é de origem silvestre (Souto *et al.*, 2011), obtidas via prática de caça e pesca, mas espécies domésticas e da pecuária também são utilizadas, especialmente galinha/galo, boi e carneiro (Alves; Rosa, 2007; Silva, 2008; Costa-Neto, 2011; Teles; Rodrigues; Teles, 2013).

Geralmente, as enfermidades tratadas são doenças respiratórias (e.g., asma, coqueluche, gripe, resfriados), doenças circulatórias e cardíacas (e.g., Acidente Vascular Cerebral - AVC), doenças fisiológicas (e.g., diabetes), doenças dérmicas (e.g., foliculites, fissuras calcâneas) e doenças musculoesqueléticas (e.g., reumatismo, dores de coluna). O efeito analgésico é associado à banha (gordura) do moró (quati; *N. nasua*; dores nas pernas), da mucura (*Didelphis marsupialis* Linnaeus, 1758; dor de gestante), da traíra-jaburu/preta (*Hoplias malabaricus* Bloch, 1794; dor de cabeça ou de ouvido) e “a banha [gordura] da preguiça-benta [(*Bradypus variegatus* Schinz, 1825)] diz que é bom pra dor nas cadeiras [região lombar], que ela só é sentadinha assim, ela não sente dor de cadeiras, o cara pega a banha dela, aí tira lá e aí vai passa” (Seu Mira, 54 anos). E o uso em “inchações”, efeito anti-inflamatório, foi relacionado à gordura de galinha, de camaleão, da preguiça-real (*Choloepus didactylus* Linnaeus, 1758) e do tatu. A “banha de galinha, passa assim na garganta quando extrai um dente pra desinflamar” (Seu Tuíca, 46 anos) e a “banha da preguiça-real também é bom pra [...] dor de cabeça, é pra passar no corpo, na inchação donde tiver, sei que é remédio também” (Dona Mariazinha, 64 anos) (Figura 3).

A arraia (*Potamotrygon* spp; *Plesiotrygon* spp.), o poraquê (*Electrophorus electricus* Linnaeus, 1766) e a traíra foram os peixes mais mencionados para diferentes propósitos medicinais. A banha do poraquê é aplicada no tratamento de “cuchiado” (asma), cansaço e fissuras calcâneas (rachaduras nos pés), que também pode ser curado com banha de arraia: “A banha, até diz que fígado de arraia, é bom pra rachadura no pé” (Dona Concita, 47

anos). O uso da banha de arraia e de poraquê no tratamento de reumatismo, assim como o uso da banha de traíra no tratamento de dor de ouvido, é observado por junto a comunidades ribeirinhas no Médio Rio Negro (Silva, 2008), na Reserva Extrativista – RESEX – do Baixo Juruá (Braga; Rebêlo, 2015), em Alenquer/PA (Corrêa; Braga; Laurido, 2019) e no rio Tocantins (Begossi; Braga, 1992).

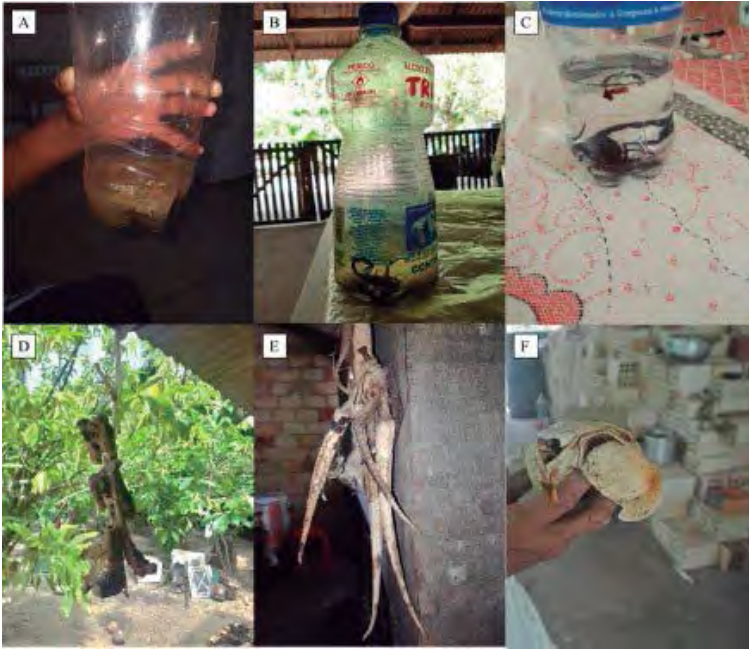
Figura 3 – Recipientes com “banhas” de diferentes espécies de animais. Da esquerda para a direita: veado, camaleão, moró (quati), galinha-preta, anta, tatupeba, capivara



Fonte: Trabalho de campo, 2020.

A gordura do camaleão (*Iguana iguana* Linnaeus, 1758) é aplicada ao tratamento de foliculites profundas (furúnculos, “nascidas” ou “tumores”) como anti-inflamatório e antibiótico tópico. Já a gordura da sucuriçu (*Eunectes murinus* Linnaeus, 1758) é aplicada para reumatismo, este uso também é relatado por Begossi e Braga (1992) entre pescadores do rio Tocantins. A jararaca (*Bothrops* spp.) conservada em álcool é aplicada como tratamento antifóidico, essa mesma estratégia é usada com escorpião (*Tityus* spp.) (Figura 4) que é utilizada como antiescorpiônico e em picadas de outros invertebrados peçonhentos.

Figura 4 – Recursos zoterapêuticos. A) Jararaca conservada em álcool. B) e C) Vários escorpiões junto a outros aracnídeos conservados em álcool. D) Ossos de capivara. E) Rabos de tatus. F) Crânio de paca



Fonte: Trabalho de campo, 2020.

De acordo com os colaboradores, a gordura do jucuraru/tejo/teju (*Tupinambis teguixin* Linnaeus, 1758) possui uma variedade de aplicações, como no tratamento de dificuldades na fala: “Por que se você tiver falta de você falar, você não fala, você tá com a língua que não dá conta de falar, pode você tomar é a banha do jucuraru, pode pingar três pinguinhas em água e pode tomar. Pode dar pra qualquer uma pessoa que ele fala, é ele fala” (Dona Maria, 55 anos). Mas a principal aplicação é para tratamento de “baques” (mordidas/picadas) de “insetos” como cobras, escorpiões, aranha-macaca (*Amblypygi*), aranha-caranguejeira (*Araneae*), lacraia (*Scolopendromorpha*) e ferroadada de arraia. Tal efetividade estaria associada ao fato do jucuraru brigar com cobras, “por que ele briga com as cobras mais valentes que tem e vence” (Seu Mira, 54 anos), isto lhe conferiria resistência ao veneno delas e por isso sendo eficaz para tirar os “sintomas da cabeça”, visto que sua banha seria um contraveneno. Importante citar que Ferreira *et al.* (2010), em análise bio-farmacológica, identificaram que esta atividade anti-inflamatória está ligada à composição de ácidos graxos existentes na gordura deste animal.

Entre os mamíferos, a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris* Linnaeus, 1766), a paca e o tatu foram as espécies com mais usos e partes utilizadas (ver Figura 4). As fezes da capivara são administradas no tratamento de derrame (AVC), a banha e ossos são direcionados ao tratamento de reumatismo. Alves e Rosa (2007) também registraram o uso de ossos de capivara para esta enfermidade. Já a paca apresenta múltiplas aplicações, a banha é aplicada em feridas, o chá ou “café” da cabeça e ossos são usados no tratamento de derrames. E o fel (vesícula biliar e bile) da paca apresenta usos diversificados, podendo ser usado em furúnculos, dores de ouvido e no tratamento de diabetes: “Por que como o fel da paca é amargo, diz que é bom pra diabete” (Seu Piau, 55 anos). O uso mais citado é o de retirar espinhos e “tocos”, que também foi registrado na RESEX Mapuá na Ilha do Marajó (Jacinto, 2018) e na RESEX Baixo Juruá (Braga; Rebêlo, 2015). Observamos que há uma apreensão quanto aos espinhos no extrativismo vegetal:

O fel da paca diz que ele é muito bom pra puxar espinho, espinho que entra, esses espinhos de murumuru que não sai, a gente tirar e não sai [...] em uns que quanto mais tu mexe com ele mais ele vai entrando pra dentro, tu não consegue tirar ele, depois que ele entrar na gente, tem gente que fala diz que ele é anda no corpo da gente, vai varar num outro canto, a gente usa o fel da paca, passa e diz que ele vai, puxa ele (João, 26 anos).

Quanto ao tatu, o fel (vesícula biliar e bile) é consumido com café para tratamento de dores de barriga, a banha é usada em furúnculos, feridas e dores de ouvido, a urina é aplicada para dores de ouvido e as orelhas e cabeça são queimadas e administradas com chá ou café pela manhã no tratamento de derrames. Segundo os moradores, o rabo de tatu é aplicado como cotonete podendo estar umedecido de algum óleo vegetal e em seguida introduzindo-o no canal auditivo toda manhã, sendo eficaz no tratamento de enfermidades do ouvido, como dores, mouco (surdez), inflamações e “maluvido”. A utilização do rabo de tatu é registrada na medicina popular paraense por Figueiredo (1994), o qual explica que o rabo é umedecido em gordura de sucuriju.

Já Jacinto (2018) descreve o mesmo uso em comunidades ribeirinhas no município de Breves/PA. E Barajas (1961) também cita o uso deste membro para tratamento de dores de ouvido no México. Alves e Rosa (2007) citam a utilização do rabo de várias espécies de tatus e direcionadas para o tratamento de dor de ouvido, tal emprego também é observado no Jacarequara:

E o rabo dele, se você tiver ruim do ouvido, meio surdo, doído, inflamado, você pega o rabo do tatu de manhãzinha cedo você limpa o ouvido com o rabo do tatu, e também o pessoal dizem que é bom. Aqui em casa a gente já fizemos, meu filho tava meio surdo, meio maluído, a gente falava parece que não queria escutar, o ouvido doído, atrás da orelha doído, coisa meia surdo mesmo a gente falava e tinha que tá gritando. Era meio moco (Seu Dione, 39 anos).

4 CONCLUSÕES

A relação da comunidade quilombola do Jacarequara com os recursos faunísticos ultrapassa a visão utilitaristas, que pressupõe esses recursos apenas como fonte de subsistência alimentar. A fauna silvestre está incutida no cotidiano dessa comunidade sob diferentes formas e categorias de uso, exercendo papel crucial na reprodução social e em sua territorialidade quilombola. Isso é evidenciado no riquíssimo e detalhado conhecimento etnozoológico acerca das categorias de uso e das espécies com as quais interagem. Este conhecimento (e também demais elementos do mundo natural e social) se mostra essencial para a efetiva apropriação e utilização dos recursos naturais.

Os peixes são o principal grupo animal destinado ao uso alimentar, enquanto mamíferos predominam no uso medicinal. No entanto, essa relação não é excludente, pois busca-se aproveitar ao máximo o animal capturado, utilizando algumas partes para a alimentação e outras para fins medicinais. Ademais, o emprego desses recursos também envolve o universo simbólico e cosmológico, existente no sistema socioecológico da comunidade, o que influencia significativamente a forma como esses recursos são percebidos e utilizados.

A diminuição na quantidade e disponibilidade dos recursos faunísticos implica em alterações nas formas de uso e, conseqüentemente, no desaparecimento de práticas tradicionais, como é o caso do artesanato, empregado principalmente na produção de instrumentos de percussão utilizados em atividades culturais. Deste modo, mudanças ambientais e pressão antrópica, especialmente as que resultam de fatores e atores externos, impactam diretamente na sociobiodiversidade faunística existentes nesta comunidade, alterando o modo de vida e as formas de uso tradicionais. Dessa maneira, as informações contidas no saber e saber-fazer local dessa comunidade devem ser consideradas pelos órgãos e instituições

responsáveis como fomento à gestão e promoção de modelos de uso e manejo sustentáveis que considerem as práticas culturais de produção e manejo, a conservação dos recursos naturais e a valoração do conhecimento ecológico tradicional.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Editora Livro Rápido/NUPEEA, 2004.
- ALBUQUERQUE, U. P., LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. *In*: Albuquerque, U. P., LUCENA, R. F. P. L.; CUNHA, V. F. C. (eds.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: Editora NUPPEA, 2010, p. 39-64.
- ALBUQUERQUE, U. P. *et al.* **Methods and Techniques in Ethnobiology and Ethnoecology**. 2. ed. New York: Humana Press, 2019.
- ALMEIDA, R. R. Escravidão, resistência e a formação de quilombos na Amazônia: Jacarequara em Pauta. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal – RN: ANPUH, 2013. p. 1-17.
- ALVES, R. R. N. Relationships between fauna and people and the role of ethnozoology in animal conservation. **Ethnobiology and Conservation**, Recife, v. 1, n. 2, p. 1-69, 2012.
- ALVES, R. R. N.; ROSA, I. L. Zotherapy goes to town: the use of animal-based remedies in urban areas of NE and N Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, [s. l.], v. 113, n. 3, p. 541-555, 2007.
- ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S. Etnozoologia: conceitos, considerações históricas e importância. *In*: ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. S. (ed.). **A etnozologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas**. Recife: Editora NUPPEA, 2010. p. 19-40.
- ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S. Souto. Ethnozoology: a brief introduction. **Ethnobiology and Conservation**, Recife, v. 4, n. 1, p. 1-13, 2015.
- ARRUDA, J. C. D.; SILVA, C. J. D.; SANDER, N. L.; PULIDO, M. T. Conhecimento ecológico tradicional da ictiofauna pelos quilombolas no Alto Guaporé, Mato Grosso, Amazônia Meridional, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 13, n. 2, p. 315-329, 2018.

AZEVEDO, P. A.; BARROS, F. B. Comida, Remédio, Renda: conhecimentos e usos da mucura (*Didelphis Marsupialis*) por comunidades ribeirinhas da várzea amazônica. **Amazônica: revista de antropologia**, Belém, v. 5, n. 3, p. 862-878, 2013.

BARAJAS, E. C. L. **Los animales usados en la medicina popular mexicana**. Ciudad de México: Imprensa Universitária, 1961.

BARROS, F. B. Os caçadores do Riozinho do Anfrísio: saberes e práticas culturais entre narrativas e imagens. **Muiraquitã**, Rio Branco, v. 5, n. 1, p. 152-186, 2017.

BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BECKER, H. S. Observação social e estudos de casos sociais. *In*: BECKER, H. S. (org.). **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 117-134.

BEGOSSI, A.; BRAGA, F. M. S. Food taboos and folk medicine among fishermen from the Tocantins River (Brazil). **Amazoniana**, Manaus, v. 12, n. 1, p. 101-118, 1992.

BERKES, F.; CODING, J.; FOLKE, C. Rediscovery of traditional ecological knowledge as adaptive management. **Ecological Applications**, Washington DC, v. 10, n. 5, p. 1251-1262, 2000.

BRAGA, T. M. P.; REBÊLO, G. H. Usos da fauna por comunitários da Reserva Extrativista do Baixo Juruá, Amazonas, Brasil. **Papers do NAEA**, Belém, v. 1, n. 347, p. 3-23, 2015.

BRAGA, T. M. P.; REBÊLO, G. H. Traditional knowledge of the fishermen of the lower Juruá river: understanding the reproductive patterns of the region's fish species. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 40, p. 385-397, 2017.

CALOURO, A. M.; MARINHO-FILHO, J. S. A sustentabilidade da caça de subsistência entre seringueiros do Acre (Brasil). *In*: DRUMOND, P. M. (ed.). **Fauna do Acre**. Rio Branco: Edufac, 2005. p. 91-108.

CASTRO, E. M. R. (org.). **Escravos e senhores de Bragança: (documentos históricos do século XIX, região bragantina, Pará)**. Belém: NAEA/UFPA, 2006.

CORRÊA, J. C. S. L.; BRAGA, T. M. P.; LAURIDO, S. F. Laurido. Usos de recursos faunísticos pelos moradores da comunidade Boca do Arapiri, Assentamento Agroextrativista Atumã, em Alenquer, Pará, Brasil. **Amazônica: revista de antropologia**, Belém, v. 11, n. 2, p. 741-769, 2019.

COSTA-NETO, E. M. Conhecimento e usos tradicionais de recursos faunísticos por uma comunidade afro-brasileira. Resultados preliminares. **Interciencia**, Caracas, v. 25, n. 9, p. 423-431, 2000.

COSTA-NETO, E. M. A zooterapia popular no estado da Bahia: registro de novas espécies animais utilizadas como recursos medicinais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, p. 1639-1650, 2011.

DIEGUES, A. C. S. *et al.* **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. Brasília, DF; São Paulo: NUPAUB-USP: PROBIO – MMA: CNPq, 2000. (Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil).

FARIAS, A. E. Religiosidade, cultura e identidade: Festividade de São Brás na Comunidade Quilombola do Jacarequara em Santa Luzia do Pará. **Nova Revista Amazônica**, Bragança, v. 1, n. 6, p. 69-82, 2018.

FERNANDES-FERREIRA, H. **A caça no Brasil: panorama histórico e atual**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) – Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

FERNANDES-FERREIRA, H.; ALVES, R. R. N. The researches on the hunting in Brazil: a brief overview. **Ethnobiology and Conservation**, Recife, v. 6, n. 6, p. 1-6, 2017.

FERREIRA, F. S.; BRITO, S. V.; SARAIVA, R. A.; ARARUNA, M. K. M.; MENEZES, I. R.; COSTA, J. G.; ALVES, R. R. N. Topical anti-inflammatory activity of body fat from the lizard *Tupinambis merrianae*. **Journal of Ethnopharmacology**, [s. l.], v. 130, n. 3, p. 514-520, 2010.

FIGUEIREDO, N. Os “bichos” que curam: os animais e a medicina de “folk” em Belém do Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia**, Belém, v. 10, n. 1, p. 75-91, 1994.

FIGUEIREDO, R. A. A.; BARROS, F. B. Sabedorias, cosmologias e estratégias de caçadores numa unidade de conservação da Amazônia. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 36, 223-237, 2016a.

FIGUEIREDO, R. A. A.; BARROS, F. B. Caçar, preparar e comer o “bicho do mato”: práticas alimentares entre os quilombolas na Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho (Pará). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 11, n. 3, p. 691-713, 2016b.

GROSS, D. R. Protein capture and cultural development in the Amazon basin. *American Anthropologist*, [s. l.], v. 77, n. 3, p. 526-549, 1975.

HAYS, T. E. An empirical method for the identification of covert categories in ethnobiology. *American Ethnologist* v. 3, p. 489-507, 1976.

HERNÁNDEZ-SAMPIERI, R.; FERNÁNDEZ, C.; BAPTISTA, P. **Metodología de la investigación**. New York: McGraw Hill Education, 2014.

HUNN, E. S. Ethnozoology. In: ANDERSON, E. N. et al. (org.). *Ethnobiology*. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2011. p. 267-284.

IBGE. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**: 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf>. Acesso em: 17 maio 2021.

ISAAC, V. J.; BARTHEM, R. B. Os recursos pesqueiros da Amazônia Brasileira. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia*, Belém, v. 11, n. 2, p. 95-339, 1995.

JACINTO, F. O. **Bicho, cura e magia! Práticas culturais e conhecimentos tradicionais na reserva extrativista Mapuá (Ilha do Marajó, Pará): uma perspectiva etnozoológica**. 2018. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) – Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

JACINTO, F. O.; BARROS, F. B. Sorte, dinheiro, amor...: o que os “animais” da Amazônia podem fazer por nós, “humanos”? *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 14, n. 3, p. 943-962, 2019.

MALINOWSKI, B. K. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendedorismo e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARIN, R. E. A; CASTRO, E. M. R. **Negros de Trombetas: guardiães de matas e rios**, Belém: NAEA/Cejup, 1998.

MARQUES, J. G. W. **Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica**. 2. ed. São Paulo: NUPAUB, 2001.

MICHELAT, G. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: THIOLLENT, M. J. (ed.). **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Ed. Polis, 1982. p. 191-212.

- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 237-248, 1993.
- MURRIETA, R. S. S. Dialética do sabor: alimentação, ecologia e vida cotidiana em comunidades ribeirinhas da Ilha de Ituqui, Baixo Amazonas, Pará. **Revista de Antropologia**, [s. l.], v. 44, n. 2, p. 39-88, 2001.
- MURRIETA, R. S. S.; BAKRI, M. S.; ADAMS, C.; OLIVEIRA, P. S. D. S.; STRUMPF, R. S. Consumo alimentar e ecologia de populações ribeirinhas em dois ecossistemas amazônicos: um estudo comparativo. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 21, 123-133, 2008.
- MURRIETA, R. S. S.; DUFOUR, D. L. Fish and Farinha: protein and energy consumption in Amazonian rural communities on Ituqui Island, Brazil. **Ecology of Food and Nutrition**, [s. l.], v. 43, n.3, p. 231-255, 2004.
- O'DWYER, E. C. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- PAGLIA, A. P. *et al.* **Lista anotada dos mamíferos do Brasil**. Chicago, 2012. (Occasional Papers in Conservation Biology, n. 6).
- POSEY, D. A. Introdução - Etnobiologia: teoria e prática. *In*: RIBEIRO, D.; RIBEIRO, B. G. (org.). **Suma Etnológica Brasileira: Etnobiologia**. Petrópolis: Vozes: Finep, 1986. v. 1, p. 15-26.
- REVISTA BIODIVERSIDADE BRASILEIRA. Brasília, DF: IMCBio, v. 2, n. 1, 2012. Disponível em: <https://revistaeletronica.icmbio.gov.br/BioBR/issue/view/16>. Acesso em: 04 nov. 2021.
- REVISTA BIODIVERSIDADE BRASILEIRA. Brasília, DF: IMCBio, v. 3, n. 1, 2013. Disponível em: <https://revistaeletronica.icmbio.gov.br/BioBR/issue/view/28>. Acesso em: 04 nov. 2021.
- SANTOS-FITA, D.; COSTA-NETO, E. M. Costa-Neto. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozootologia. **Biotemas**, São Carlos, v. 20, n. 4, p. 99-110, 2007.
- SANTOS-FITA, D.; COSTA-NETO, E. M.; CANO-CONTRERAS, E. J. El quehacer de la etnozootología. *In*: COSTA-NETO, E. M.; SANTOS-FITA, D.; VARGAS-CLAVIJO, M. (coord.). **Manual de Etnozootología: una guía teórico práctica para investigar la interconexión del ser humano con los animales**. Valencia: Tundra Ediciones, 2009.

SANTOS, I. R. **O boto é pescador?:** As dimensões humanas das interações entre a pesca e os pequenos cetáceos na Amazônia Oriental. 2017. Dissertação (Mestrado em Ecologia Aquática e Pesca) – Núcleo de Ecologia Aquática e Pesca, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

SANTOS, P. M. R. S.; TEMBÉ, A. O.; TEMBÉ, V. Mastofauna. *In*: VALENTE, R. M.; KAHWAGE, C. M. C. (coord.). **Gestão ambiental e territorial da Terra Indígena Alto Rio Guamá: diagnóstico etnoambiental e etnozoneamento.** Belém: Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade, 2017. p. 267-306.

SILVA, A. L. Comida de gente: preferências e tabus alimentares entre os ribeirinhos do Médio Rio Negro (Amazonas, Brasil). **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 125-179, 2007.

SILVA, A. L. Animais medicinais: conhecimento e uso entre as populações ribeirinhas do rio Negro, Amazonas, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 3, n. 3, p. 343-357, 2008.

SOUTO, W. M. S.; VIEIRA, W. L.; MONTENEGRO, P. F. G.; ALVES, H. N.; ALVES, R. R. N. Breve revisão sobre uso de fauna medicinal no Brasil: aspectos históricos, farmacológicos e conservacionistas. **Sitientibus**, Feira de Santana, v. 11, n. 2, p. 201-210, 2011.

TELES, D. A.; RODRIGUES, J. K.; TELES, E. A. Uso místico–religioso da fauna comercializada em feiras livres nos municípios de Crato e Juazeiro do Norte, Ceará, Nordeste do Brasil. **Etnobiología**, Ciudad de México, v. 11, n. 3, p. 28-33, 2013.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 20, p. 31-45, 2009.

VALENTE, R. M.; KAHWAGE, C. M. C. (coord.). **Gestão ambiental e territorial da Terra Indígena Alto Rio Guamá: diagnóstico etnoambiental e etnozoneamento.** Belém: Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade, 2017.

APÊNDICE A – Animais utilizados como recursos medicinais na comunidade quilombola do Jacarequara. C= citado; O = observado

Etnoespécie(s) Taxa	Parte usada	Finalidade	Modo de uso	Obs.
ARACHNIDA				
rabo-torto/lacraio/ escorpião <i>Tityus</i> spp.	Integral	Picada de escorpiões e similares	Aplicação tópica sobre o local	O
AVES				
galinha do quintal <i>Gallus gallus domesticus</i> Linnaeus, 1758	Banha	Tosse; anti-inflamatório	Massagem na garganta; xarope com andiroba	C/O
	Integral	Baques (contusões e ferimentos)	Bater o pintinho recém-nascido com mastruz no pilão	C
peru <i>Meleagris</i> spp.	Banha	-	-	C
INSECTA				
bicho de tucumã <i>Speciomerus ruficornis</i> Germar, 1818	Banha	Tumores	Massagem e aplicação tópica	C
MAMMALIA				
anta <i>Tapirus terrestris</i> Linnaeus, 1758	Banha	Reumatismo	Massagem e aplicação tópica	C
boi <i>Bos taurus</i> Linnaeus, 1758	Fel	-	-	C
guariba <i>Alouatta belzebul</i> Linnaeus, 1766	Gogó	Tosse de Guariba	Beber água no gogó	C
capivara <i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> Linnaeus, 1766	Banha	Reumatismo	Massagem e aplicação tópica	C
	Ossos		Torrar e fazer o chá	
	Fezes	Derrame		
macaco-prego <i>Sapajus apella</i> Linnaeus, 1758	Ossos	Fratura de ossos	Queimar, fazer um emplastro e enfaixar o local.	C

maracajá/gato-maracajá <i>Leopardus wiedii</i> Schinz, 1821	Banha	Tosse de guariba	Xarope com mel	C
moró/quati <i>Nasua nasua</i> Linnaeus, 1766	Banha	Dor nas pernas	Massagem e aplicação tópica	C
mucura <i>Didelphis marsupialis</i> Linnaeus, 1758	Banha	Dores na gestação	Massagem e aplicação tópica na barriga	C
onça <i>Panthera onca</i> Linnaeus, 1758	Banha	-	-	C
paca <i>Cuniculus paca</i> Linnaeus, 1766	Banha	Feridas	Aplicação tópica	C/O
	Fel	Retirar espinhos; Dor de ouvido; Mordida de cobra; Picada de “inseto”; Tumor “nascida”; Manchas no corpo	Aplicação tópica: “pingar em cima”; fazer um corte e pingar dentro para retirar espinhos	
		Diabetes	Beber a bile	
	Cabeça	Derrame	Queimar e fazer o café/chá das cinzas	
	Ossos			
porco-espinho <i>Coendou prehensilis</i> Linnaeus, 1758	Banha	-	-	C
porco <i>Sus scrofa domesticus</i> Erxleben, 1777	Banha	-	-	C
preguiça <i>Bradypus</i> spp.; <i>Choloepus</i> spp.	Banha	Quedas (contusões)	Massagem e aplicação tópica	C/O
preguiça-benta <i>Bradypus variegatus</i> Schinz, 1825	Banha	Tumor “nascida”; Dor nas cadeiras; Quedas; Dor de cabeça	Massagem e aplicação tópica: emplastro	C/O
preguiça-real <i>Choloepus didactylus</i> Linnaeus, 1758	Banha	Dor de cabeça; Inchação	Massagem e aplicação tópica	C/O

tatus Dasypodidae	Fel	Dor de barriga	Uma a três gotas no café	C/O
	Urina	Dor de ouvido	-	
	Banha	Feridas; Tumor “nascida”; Dor de ouvido	Aplicação tópica	
	Rabo	Ouvido: dor, “surdez”, inflamação	Como cotonete, com óleo doce para limpar o ouvido pela manhã	
	Orelhas	Derrame	Queimar e fazer o chá ou beber no café toda manhã	
Cabeça				
PEIXES				
arraia <i>Potamotrygon</i> spp; <i>Plesiotrygon</i> spp.	Banha;	Rachadura nos pés	Massagem e aplicação tópica	C
	Fígado			
	Esporão			
poraquê/poraquê <i>Electrophorus electricus</i> Linnaeus, 1766	Banha	Rachadura nos pés; Problemas de coluna; Reumatismo	Massagem e aplicação tópica: “lambuzar” ao anoitecer	C
		Cansaço; Cuchiado (asma)		
	Espinha	Etnoveterinário em cachorros		
traíra-jaburu/traíra- preta <i>Hoplias malabaricus</i> Bloch, 1794	Banha	Dor de ouvido	Aplicação tópica: Misturar com mel e/ou “leite de peito” (materno).	C
		Dor de cabeça		
		Inchação e ferimentos	Aplicação tópica	
REPTILIA				
camaleão <i>Iguana iguana</i> Linnaeus, 1758	Banha	Tumor “nascida”; Desinflamar	Aplicação tópica: emplasto	C/O
jabuti <i>Chelonoidis</i> spp.	Banha	-	-	C
	Casco			

jacaré <i>Caiman crocodilus</i> Linnaeus, 1758	Banha	Inchação e ferimentos	Massagem e aplicação tópica	C
jararaca <i>Bothrops spp.</i>	Integral	Mordida de cobra	Aplicação tópica sobre o local	O
jiboia <i>Boa constrictor</i> Forcart, 1960	Banha	-	-	C/O
jicuraru/jucuraru/teju <i>Tupinambis teguixin</i> Linnaeus, 1758	Banha	Picadas e mordidas de “insetos”, cobras e arraia; feridas	Beber (via oral); massagem e aplicação tópica	C
		Retirar venenos e dores da cabeça	Duas gotas no café pela manhã	
		Dificuldade de falar	Três gotas na água	
sucuriju <i>Eunectes murinus</i> Linnaeus, 1758	Banha	Reumatismo; Aliviar dores	Massagem e aplicação tópica	C